

EDGAR MORIN E A RECEPÇÃO DA LAUDATO SI': UMA LEITURA INTERPRETATIVA EM OS SETE SABERES

Clayton Alves de Freitas¹
Florice Alves Ferreira²

RESUMO

No Campo da Ciências da Religião, a chave de leitura da recepção constitui uma via interpretativa para compreender como a Teologia se relaciona com outros saberes. Desse modo, o ensino de Ciências deve favorecer a discussão e a articulação nas interfaces da interdisciplinaridade das áreas do conhecimento. Essa compreensão da recepção encontra inspiração metodológica e expressão exemplar na edição temática “Vaticano II, 50 anos + 10, o caminho da recepção” (2022), da revista Paralellus, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), ao possibilitar a religação dos saberes por meio da recepção do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962–1965). Na esteira da recepção, esta investigação busca redescobrir os caminhos da leitura da carta encíclica *Laudato Si'* (2015), do Papa Francisco (1936), formulada pelo educador Edgar Morin (1921). Essa leitura de Edgar Morin articula sua Teoria da Complexidade, delineada em sua obra comissionada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), agência especializada da Organização das Nações Unidas (ONU), *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (1999), com o ensinamento social da Igreja destacado na *Laudato Si'*, sob a chave hermenêutica da recepção. No contexto da religação dos saberes, busca-se aprofundar as interfaces entre a “Casa Comum” do Papa Francisco e a “Ética Planetária” de Edgar Morin, em resistência ao negacionismo contemporâneo.

Palavras-chave: Papa Francisco, *Laudato Si'*; Recepção; Edgar Morin, Os Sete Saberes.

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga, no Campo da Ciências da Religião, de que modo a categoria da recepção possibilita uma leitura interpretativa da encíclica *Laudato Si'* (2015), a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, sinalizando pontos de convergências em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (1999). A questão que nos instiga é se a compreensão, conceito axial em Morin, pode funcionar como chave hermenêutica para o diálogo entre religião e laicização no horizonte da ecologia integral proposta pelo Papa Francisco.

Considerando uma visão integral da realidade, Morin propõe a superação da fragmentação do saber, integrando ciência, filosofia, ética, arte, espiritualidade e vida

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), pe.claytonalves@gmail.com;

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGTEO) na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), ferflorice7@gmail.com.



cotidiana. Na *Laudato Si'*, Francisco denuncia o reducionismo tecnocrático e chama a uma visão mais holística, onde natureza, ser humano e espiritualidade se entrelaçam.

A compreensão, entendida por Morin como via ética de religação, desarma o antagonismo entre religião e laicização, permitindo vê-los como polos que “se nutrem” mutuamente. Tal tese encontra amparo direto no diagnóstico moriniano dos conflitos contemporâneos, no qual se inscreve explicitamente a tensão “entre laicização e religião”:

Os antagonismos entre nações, religiões, entre laicização e religião, modernidade e tradição, democracia e ditadura, ricos e pobres, Oriente e Ocidente, Norte e Sul nutrem-se uns aos outros, e a eles mesclam-se interesses estratégicos e econômicos antagônicos das grandes potências e das multinacionais voltadas para o lucro. (Morin, 2000, p. 69)

À luz desse quadro, a compreensão será examinada como princípio epistêmico e ético; a religião como linguagem de comunhão e cuidado do mundo, e a laicização como racionalidade aberta e crítica, apta ao debate público. Antes, porém, oferecemos um enquadramento histórico-conceitual da *Laudato Si'*, situando seu sentido filosófico e seu alcance civilizacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 A Encíclica *Laudato Si'* (2015)

Publicada em 24 de maio de 2015, a carta encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, constitui um dos documentos mais abrangentes do magistério contemporâneo da Igreja Católica. Seu título retoma o cântico franciscano “Louvado sejas, meu Senhor”, e, mais que uma referência poética, introduz uma concepção teológica e filosófica da criação como interdependência e interconexão. Essa perspectiva desloca o foco da ecologia entendida como mera gestão ambiental para uma “ecologia integral”, na qual o humano, o social e o natural se interligam num mesmo destino planetário. O texto aborda os aspectos científicos, econômicos, culturais e espirituais da crise ecológica e propõe uma ética global centrada no cuidado da “casa comum”. Há uma provocação contundente para cultivar a consciência planetária e a responsabilidade compartilhada.

O contexto redacional é marcado pelo agravamento das mudanças climáticas e pela necessidade de reformular a relação entre progresso técnico e responsabilidade ética. Francisco, ao dirigir-se não apenas aos fiéis católicos, mas a “todas as pessoas de boa vontade”, adota uma linguagem que interliga espiritualidade e razão pública. Neste prisma, a encíclica torna-se um documento de filosofia moral planetária, aproximando-se



da tradição humanista que vê na fraternidade e na solidariedade, princípios universais da convivência. Nesse horizonte, Francisco recusa tanto o antropocentrismo que absolutiza o homem como dominador da natureza, quanto o biocentrismo que dissolve a singularidade humana. O resultado traz uma visão relacional do ser: o humano é chamado a cuidar e a participar, não a possuir ou dominar.

Essa posição, aponta o núcleo conceitual do texto, no qual é afirmado que o clima e o planeta não pertencem a nenhum grupo ou nação, mas à humanidade inteira. O bispo de Roma convoca à “ecologia integral” e ao reconhecimento da Terra como dom e herança comum da humanidade. Nas palavras do Papa:

O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. [...] A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. (Francisco, 2015, § 23)

Observa-se que Francisco denomina “espiritualidade ecológica” como a exigência de uma conversão não apenas moral, mas civilizacional, ou seja, chama à conversão ecológica e a educar novas gerações para estilos de vida mais simples, solidários e sustentáveis. O texto desloca o debate ambiental, de uma abordagem técnica, para uma questão antropológica e ética: como reformar o modo humano de habitar o mundo? Tal pergunta ecoa a inquietação epistemológica de Morin, para quem a reforma do pensamento é condição *sine qua non* para toda regeneração da vida planetária.

A encíclica propõe, portanto, uma reorientação do saber e do agir humano, fundamentada na interdependência entre vida, sociedade e natureza. Clama pela responsabilidade ecológica e social, com forte apelo ao cuidado da “casa comum” e das gerações futuras. Essa interdependência encontra paralelo na tríade moriniana: indivíduo–sociedade–espécie, em que o conhecimento e a ética se religam. Em razão disso, ao ler a *Laudato Si'*, Morin reconhece no texto, o primeiro gesto de um “novo humanismo”, capaz de religar ciência, filosofia e espiritualidade. A partir dessa convergência, torna-se possível compreender por que a encíclica ultrapassa o campo confessional e ingressa no horizonte da complexidade, como superação de nacionalismos e individualismos em favor de uma consciência planetária.

Para Morin, a compreensão é um pensamento que articula saberes fragmentados para apreender o todo, a complexidade. Mais do que uma faculdade psicológica, trata-se de uma operação epistemológica, ética e civilizatória. No horizonte da complexidade, compreender é religar o humano ao humano e o humano ao mundo. É superar as dicotomias herdadas do paradigma da simplificação, sujeito/objeto, razão/emoção,



ciência/espiritualidade, por meio de um conhecimento que reconhece a si mesmo como limitado e relacional. Essa concepção encontra formulação única, em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (1999), texto comissionado pela UNESCO, no qual a educação é definida como reforma do pensamento e aprendizagem da convivência planetária.

Morin afirma que “a compreensão é a um só tempo, meio e fim da comunicação humana” (1999, p. 16). Essa sentença, revela que compreender não é apenas uma virtude individual, mas um dever antropológico, uma condição de humanização. A educação, em tal perspectiva, não se limita à transmissão de informações, mas visa à formação da consciência capaz de reconhecer a alteridade e de reconciliar razão e sensibilidade, ou seja, uma educação como chave de transformação para um futuro humano e sustentável.

Trata-se de uma tarefa tanto cognitiva quanto ética, pois compreender o outro é, ao mesmo tempo, conhecer e cuidar. Nesse sentido, Morin entrever aquilo que o Papa Francisco denominará em *Laudato Si'* de “ecologia integral”, cujo cuidado com o planeta é inseparável do cuidado com o próximo.

O autor sintetiza esse horizonte ético e civilizacional no conceito de antropoética, isto é, à ética em escala humana. A ética antropológica é o fundamento da compreensão como missão planetária e pode ser lida como um verdadeiro manifesto da complexidade. A antropoética supõe a decisão consciente e esclarecida de:

Assumir a condição humana indivíduo/sociedade/espécie na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal; assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude. [...] A antropoética compreende, assim, a esperança na completude da humanidade, como consciência e cidadania planetária. [...] Ela é consciência individual além da individualidade (Morin, 1999, p. 103).

Constata-se aqui, três dimensões do pensamento moriniano: a consciência da condição humana, a solidariedade entre os povos e a responsabilidade pelo planeta. Morin concebe o humano não como essência fixa, mas como relação dinâmica entre indivíduo, sociedade e espécie. Todos os fenômenos estão em rede; a educação deve ensinar a interdependência planetária e a condição humana, isto é, nossa identidade de ser humano. Esta tríplice realidade deve estar condicionada a uma ética da interdependência: viver é coexistir. A compreensão, nesse sentido, é uma ética de religação, o contrário da indiferença e da fragmentação.

No Campo da Ciências da Religião, a antropoética torna-se também uma chave hermenêutica para interpretar o fenômeno religioso sem reduzi-lo a uma doutrina, ou a uma abstração cultural. Compreender a religião, para Morin, é considerar o humano em



sua busca de sentido, de comunhão e de salvação. A compreensão não é, pois, uma simples tolerância; é um exercício de tradução simbólica e de reconhecimento da pluralidade.

Quando Francisco, em *Laudato Si'*, convoca à conversão ecológica global, sua proposta converge com a antropoética moriniana. Pois esta ética antropológica “exige que desenvolvamos simultaneamente nossas autonomias pessoais, nosso ser individual, nossa responsabilidade e nossa participação no gênero humano” (Morin, 2013, p. 108). Dessa forma, ambos propõem uma reforma de consciência que ultrapassa fronteiras confessionais e políticas.

O Papa fala em mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo; Morin, por sua vez, fala em dupla pilotagem do planeta: obedecer à vida, guiar a vida. Ambos situam a ética no centro da complexidade da existência.

Portanto, compreender, em Morin, é simultaneamente conhecer, respeitar e conviver. É reconhecer no outro, humano, animal, vegetal ou planetário, uma alteridade que nos constitui, pois tudo está interligado. Esta é uma forma de espiritualidade laica, fundada na consciência da interdependência universal. Nesse sentido, a compreensão é o que faz da educação uma prática de religação e o que torna possível uma nova aliança entre ciência, filosofia e fé.

A partir dessa base, torna-se possível avançar para os dois outros eixos de análise, religião e laicização, nos quais a compreensão se manifesta como mediação simbólica e racional. O primeiro mostrará a convergência espiritual entre Morin e Francisco; o segundo, a abertura de Morin à dimensão ética e civilizacional das religiões.

2 Religião e Laicização

A dimensão religiosa do pensamento moriniano não se traduz em adesão dogmática, mas em um movimento de religação entre o humano e o cosmos. Morin reconhece que toda civilização nasce de uma tensão entre conhecimento e mistério, razão e fé, imanência e transcendência. Essa tensão, longe de ser resolvida pela modernidade científica, reaparece de modo ampliado na era planetária, denominada por outros de “tempos modernos”.

A religião, entendida como sistema simbólico de comunhão e cuidado, continua sendo, para o educador, uma expressão fundamental da busca humana por sentido. Eis outro ponto de convergência entre o pensamento de Morin e a lógica de Francisco na *Laudato Si'*: ambos reconhecem que a crise ecológica é, antes de tudo, uma crise



espiritual e civilizacional. Ao denunciar a lógica tecnocrática que transforma a Terra em objeto de exploração, Francisco recoloca o religioso no coração do debate público.

Sua encíclica convoca não apenas os cristãos católicos, mas toda a humanidade a redescobrir a dimensão sagrada do mundo, isto é, sua interdependência vital. A espiritualidade ecológica apresentada em *Laudato Si'* é, portanto, mais próxima de uma ética de responsabilidade planetária do que de uma doutrina confessional. A encíclica pede uma mudança do olhar, ou seja, uma passagem do domínio à comunhão, do consumo à contemplação. Esse deslocamento é evidente no trecho em que Francisco descreve os efeitos da cultura do descarte e a degradação do planeta como consequência de uma ruptura da relação do homem com a criação:

A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo [...]. O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos [...]. As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas [...]. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil. (Francisco, 2015, §§ 21–25)

Este é o núcleo teológico-antropológico da encíclica: a denúncia da cultura do descarte e o chamado à solidariedade universal. Francisco traduz em termos de doutrina social o que Morin concebe como *antropoética*. Em tom de convergência está a afirmação de que o humano só se realiza em comunhão, e que a salvação da humanidade depende da regeneração de suas relações com a Terra. A religião, vista pela perspectiva do social, deixa de ser apenas um sistema de crenças e torna-se uma dimensão da consciência planetária.

Morin reconhece, em *O método 5: A humanidade da humanidade* (2012), que as religiões antigas e arcaicas tinham a virtude de religar o homem à natureza por meio de mitos do sagrado e do ancestral. A modernidade, ao romper essa ligação, produziu uma cisão ontológica entre matéria e espírito, ciência e fé. A *Laudato Si'* propõe, no entanto, um retorno não regressivo, mas regenerador: uma religação entre ciência e sabedoria, entre técnica e compaixão, entre progresso e limite. Essa reconciliação não se restringe à dimensão teológica, mas amplia-se, assumindo um caráter antropológico, ético e ecológico.

Essa convergência autoriza ler a *Laudato Si'* como texto de filosofia da religião, no qual o sagrado se manifesta como inter-relação e responsabilidade. A linguagem simbólica de Francisco: “nossa Casa Comum”, “irmão Sol” e “irmã Terra”, corresponde na linguagem laica de Morin, à consciência de que “somos filhos do Sol” e partilhamos



o mesmo destino cósmico. A religião assimilada nesse viés, deixa de ser domínio exclusivo da fé, para tornar-se um espaço de diálogo entre saberes e culturas.

Dessa forma, a leitura moriniana da *Laudato Si'* permite compreender a religião como matriz de religação e de humanização, não como obstáculo à razão. O religioso, quando reencontrado em sua dimensão simbólica e ética, torna-se um princípio de complexidade: une sem confundir, distingue sem separar. A fé, nesse horizonte, não se opõe à ciência, mas a completa; e a ciência, ao reconhecer sua própria incompletude, reabre-se ao mistério da vida. Essa é a síntese epistemológica que fundamenta a ecologia integral e que prepara o diálogo com a questão seguinte: a laicização.

2.1 Laicização

O tema da laicização, em Morin, não se opõe à espiritualidade, mas à clausura do pensamento. O filósofo francês, identificado com uma racionalidade aberta, entende a laicidade como condição de diálogo entre saberes, e não como exclusão do religioso. Em sua obra e entrevistas, o termo “laicização” adquire um sentido civilizacional: libertar o pensamento de toda forma de dogmatismo, seja religioso, ideológico ou científico, e abrir espaço para uma ética de compreensão e solidariedade. Essa concepção, simultaneamente racional e espiritual, aproxima-se da proposta de “nova laicidade” formulada em *A cabeça bem-feita* (2003, p. 103), quando Morin afirma que “a nova laicidade deve problematizar a ciência, revelando suas profundas ambivalências, e problematizar a razão, opondo a racionalidade aberta à racionalização fechada”.

Essa laicização crítica reaparece de modo singular na leitura que Morin faz da *Laudato Si'*. Em entrevista concedida ao jornal francês *La Croix*, publicada em 21 de junho de 2015, logo após a divulgação da encíclica, o filósofo identifica no texto do Papa Francisco, um gesto civilizacional de alcance planetário. Morin reconhece que o documento não pertence apenas à esfera eclesial, mas a uma ética universal do humano “*A Laudato Si'* é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização. [...] O verdadeiro humanismo é aquele que vai dizer que eu reconheço em todo ser vivo ao mesmo tempo um ser semelhante e diferente de mim” (Morin, 2015).

A afirmação exprime de modo emblemático a laicidade complexa: reconhecer a diferença sem hierarquizá-la. Para Morin, a leitura da *Laudato Si'* confirma que é possível uma espiritualidade sem transcendência religiosa, fundada na fraternidade cósmica. O educador francês interpreta o Papa não como líder religioso, mas como agente civilizacional que, a partir da fé, reintroduz no discurso público a necessidade de religar



ciência, ética e política. Assim, a laicização não é entendida como expulsão do sagrado, mas como transformação do religioso em linguagem universal de cuidado.

A posição moriniana de “agnóstico solidário” manifesta uma espiritualidade racional. Ao afirmar que “somos todos filhos do Sol”, Morin transcreve o símbolo cristão da criação em chave cosmológica e científica. Essa releitura faz parte de sua filosofia da religião: mesmo sem recorrer à transcendência, o humano permanece habitado por uma sede de sentido, uma necessidade de comunhão. A laicização, nesse horizonte, é o processo de integrar o religioso no espaço da razão dialógica, em que a fé se torna ética pública.

A aproximação entre Francisco e Morin, portanto, não se dá no plano dogmático, mas na convergência de uma ética planetária. O Papa propõe uma “ecologia integral”; Morin, uma “antropoética planetária”. Ambos denunciam o mesmo inimigo: o paradigma tecnoeconômico que reduz a vida a mercadoria e o mundo a recurso. O texto apresenta-se como uma crítica ao modelo dominante, questionando o paradigma cartesiano, fragmentário e reducionista da modernidade. O encontro entre fé e razão ocorre, assim, na defesa comum da Terra e da humanidade. A racionalidade laica e a espiritualidade ecológica se unem no combate à fragmentação do saber e à indiferença moral.

Essa compreensão da laicização, corresponde ao ideal da “reforma do pensamento” que atravessa toda a obra de Morin. Reformar o pensamento significa devolver-lhe sua dimensão ética, poética e solidária. Nesse sentido, a laicização é também uma pedagogia: educar para a autonomia crítica, mas também para a empatia. A educação deve preparar para o enfrentamento das incertezas, complexidades e crises globais. É o que Francisco propõe ao convocar o *Pacto Educativo Global* (2019), no qual o próprio Morin participou ativamente, reafirmando que o destino do planeta depende da formação de uma consciência cosmopolita e cooperativa.

Desse modo, a laicização moriniana não é negação da religião, mas ampliação do sagrado para o plano da cidadania planetária. O que era domínio do transcendente torna-se exercício da responsabilidade coletiva. A fé e a razão, outrora dissociadas, reencontram-se como expressões complementares de uma mesma tarefa civilizatória: humanizar a humanidade. Essa leitura permite concluir que, tanto para Francisco quanto para Morin, a laicidade do futuro não será a da indiferença, mas a da interdependência. Portanto, há necessidade de diálogo entre culturas, saberes e disciplinas. Trata-se de uma laicidade da compreensão, que reconhece no outro, crente ou não, um parceiro na construção de uma nova civilização terrestre.



O percurso hermenêutico feito até agora, buscou iluminar, no diálogo entre Edgar Morin e o Papa Francisco, as possibilidades de uma ecologia da compreensão, capaz de religar os domínios da razão e da fé, do pensamento científico e do pensamento espiritual. A análise das três categorias centrais, *compreensão*, *religião* e *laicização*, mostrou que a complexidade, no sentido moriniano, não é apenas um método de pensamento, mas uma ética da coexistência que encontra na *Laudato Si'* uma expressão análoga e complementar.

A compreensão, conforme formulada em “*Os sete saberes necessários à educação do futuro*” (1999, p. 103), é o princípio que unifica o indivíduo, a sociedade e a espécie humana. Morin a descreve como “decisão consciente e esclarecida” de assumir nossa condição comum e de buscar a humanidade em nós mesmos. Essa postura epistemológica, transcende o domínio das ciências e alcança o campo ético-religioso: compreender é religar-se. Ao traduzir a compreensão em missão planetária, Morin propõe uma espiritualidade laica fundada na consciência de interdependência entre todos os seres. Em termos religiosos, é uma mística da alteridade; em termos filosóficos, uma razão solidária.

A *Laudato Si'*, por sua vez, revela o mesmo impulso de religação. Francisco, retomando o espírito de São Francisco de Assis, convoca a humanidade a reencontrar o sentido da fraternidade cósmica: “a Terra, nossa Casa Comum”. Sua denúncia da “cultura do descarte” e do “paradigma tecnoeconômico” coincide com a crítica de Morin ao pensamento reducionista e ao progresso sem consciência.

No horizonte da Filosofia da Religião, essa aproximação entre um filósofo laico e um líder religioso adquire um significado paradigmático: o religioso não é mais o domínio exclusivo da fé institucional, mas o espaço simbólico onde se cruzam razão, ética e esperança. Morin, em sua leitura da *Laudato Si'*, reconhece que na voz do Papa ecoa a sua própria luta contra a fragmentação dos saberes e pela unidade do humano. Por isso afirma que o documento é “um ato número 1 de um apelo para uma nova civilização”. A convergência entre ambos aponta para uma transcendência imanente: a espiritualidade da Terra e da vida, que substitui o dualismo entre o sagrado e o profano, por uma dialética de cooperação.

Não se trata de neutralizar o religioso, mas de libertá-lo das formas dogmáticas que o separam do real. Morin insiste que a nova laicidade deve ser crítica, aberta e autotranscendente. O Papa, ao propor o *Pacto Educativo Global* (2019), insere-se nessa mesma perspectiva ao convocar as tradições religiosas, os cientistas e os educadores a



uma aliança pelo futuro da humanidade. Ambos compreendem que educar é religar — e que a ética planetária exige tanto lucidez quanto compaixão.

O reconhecimento recíproco entre o Papa Francisco e Edgar Morin, foi simbolicamente selado pela mensagem de congratulação enviada por ocasião do centenário do filósofo, comemorado pela UNESCO em 2021. O texto, divulgado pelo *Vatican News*, celebra a vida e o pensamento de Morin como serviço à humanidade e à reforma do pensamento contemporâneo. O registro oficial do Vaticano por ocasião do centenário de Morin, sintetiza essa recepção recíproca:

O Pontífice destaca o papel de Morin ao convidar, por exemplo com o conceito de ‘ciência com consciência’, os progressos moral e intelectual a prosseguirem juntos no avanço da ciência e da tecnologia para evitar catástrofes. [...] A consciência do frágil destino da humanidade também incentivou o estudioso francês a promover a necessidade de uma ‘política de civilização’, tendo o ser humano no centro e não o dinheiro. [...] Por fim, o agradecimento do Papa pelos ‘esforços de uma vida a serviço de um mundo melhor’ e a esperança de que o Senhor continue iluminando o caminho que ainda falta percorrer (*Vatican News*, 2021).

O documento oficial do Vaticano, confirma o reconhecimento institucional, e até espiritual, do valor filosófico da obra de Morin. Ao distinguir entre “ciência com consciência” e “ciência sem consciência”, Francisco aprofunda o mesmo dilema que anima a teoria da complexidade: como conjugar o saber técnico ao saber ético? A mensagem do Papa e o pensamento do filósofo se encontram na convicção de que nenhuma reforma social é possível sem a reforma do pensamento, e que nenhuma razão é verdadeiramente humana se não for também compadecida.

Do ponto de vista da Ciências da Religião, essa compreensão demonstra que o estudo da religião pode ultrapassar o limite confessional e assumir uma função epistemológica. A religião, quando compreendida como religação, e não como sistema de exclusão, oferece à razão científica a dimensão de sentido que ela perdeu. E a laicização, quando entendida como abertura do espaço público à pluralidade simbólica, oferece à fé a oportunidade de reencontrar sua vocação ética e universal. Assim, complexidade, religião e laicidade deixam de ser campos antagônicos e passam a constituir uma única trama: a do pensamento que religa.

À luz dessa convergência, a compreensão surge como eixo metodológico e espiritual da nova civilização planetária. Compreender é reconhecer-se parte de um destino comum; é religar-se à totalidade sem renunciar à diferença. Trata-se de um ideal ainda inacabado, que exige o cultivo da empatia, da crítica e da esperança. Morin chama-o de “antropoética”; Francisco, de “conversão ecológica”. Ambos, porém, indicam o



mesmo horizonte utópico: uma humanidade reconciliada consigo mesma e com a Terra-Pátria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A recepção da *Laudato Si'* por Morin e o reconhecimento do Papa Francisco à obra do filósofo, representam dois gestos complementares da história do pensamento contemporâneo. De um lado, a filosofia da complexidade, que redescobre no mistério da vida uma fonte de espiritualidade; de outro, a teologia da criação que reconhece na ciência e na razão aliadas da fé. Juntas, essas vozes traçam a cartografia de uma nova civilização da compreensão, onde a religião e a laicização não se excluem, mas se fecundam mutuamente.

O estudo permite um aprofundamento teórico sobre a antropoética de Morin e a ecologia integral de Francisco como eixos convergentes para um projeto civilizacional comum. Ressalta-se a importância do debate público entre teologia ecológica e social na complexidade do pensamento contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostrou que a *Laudato Si'* e a obra de Morin convergem num projeto civilizacional comum: religar ciência, ética e espiritualidade em torno do cuidado da Casa Comum. De um lado, a antropoética moriniana (indivíduo/sociedade/espécie) faz da compreensão, o eixo de uma pedagogia planetária; de outro, a ecologia integral de Francisco articula conversão dos estilos de vida, justiça socioambiental e responsabilidade intergeracional. Em termos epistemológicos, ambos rejeitam a racionalização fechada e o paradigma tecnoeconômico, reclamando uma razão aberta, crítica e solidária.

Do ponto de vista da Filosofia da Religião, o estudo da recepção evidencia que a religião, entendida como religação, não se opõe à laicidade: fecundam-se. Morin, por uma via laica, reconhece na encíclica um “ato nº 1” de nova civilização; o Papa, por sua vez, recebe Morin, sublinhando “pontos de contato” entre sua teoria e a Doutrina Social da Igreja, gesto que reforça a pertinência pública da complexidade.

Em síntese: compreender é religar; religar é humanizar; humanizar é tornar habitável a casa comum. A recepção de Morin da *Laudato Si'* de Francisco mostra que



religião e laicização podem cooperar na construção de uma racionalidade compassiva, fundamento de um novo pacto entre conhecimento, justiça e vida.

REFERÊNCIAS

CERASO, Gabriella; JAGURABA, Mariângela. *Cem anos de Edgar Morin. O Papa: uma vida a serviço de um mundo melhor*. Vatican News, Cidade do Vaticano, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-07/aniversario-cultura-edgar-morin-papa-francisco-unesco.html>. Acesso em: 7 out. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 7 out. 2025.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. *A via: para o futuro da humanidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina E. F. da Silva; Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1999.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. “*A Laudato Si' é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização: entrevista com Edgar Morin.*” Entrevista de Antoine Peillon e Isabelle de Gaulmyn. Trad. André Langer. *La Croix*, 21 jun. 2015. Publicada no Brasil por Instituto Humanitas Unisinos (IHU), 23 jun. 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 7 out. 2025.

